

Prefácio

Entrei pela primeira vez numa prisão às 14 horas do dia 6 de fevereiro de 1981. Tinha concluído a licenciatura em Direito na manhã desse mesmo dia. Entre uma coisa e outra, claro está, não existiu nenhuma relação de causa/efeito... Foi uma pura coincidência! Na realidade, nesse dia iniciei, em Monsanto, um périplo que durante seis meses me levaria a visitar cerca de uma dezena de estabelecimentos prisionais na qualidade de deputado à Assembleia da República.

Perdoe-se-me, pois, a indelicadeza de começar este escrito com uma nota pessoal, que se justifica apenas na medida em que explica porque aceitei o amável convite de Isabel Nery para fazer este prefácio ao seu livro *As Prisioneiras: Mães atrás das grades*. Com efeito, naquela época, era escassa a visibilidade pública desse mundo fechado por definição que é o universo prisional. E hoje mesmo, passados 30 anos, continua a ser muito evidente uma certa relação de ambivalência do conjunto da sociedade portuguesa com a realidade prisional.

No discurso público, as prisões são os locais onde expiam as suas penas aqueles que transgrediram as regras nas quais assenta o convívio nessa mesma sociedade. Perante as inseguranças, os receios e os medos, as agressões e os crimes perpetrados, aquilo que se convencionou chamar «opinião pública» pressiona os poderes públicos

para que os criminosos sejam afastados do corpo social, e é frequente ouvirmos no espaço público opiniões que verberam um pretensão laxismo ou tibieza do sistema judiciário no recurso ao enclausuramento dos delinquentes.

Em alguns setores mais restritos, a realidade prisional é encarada na dupla vertente da punição e da denominada «ressocialização», isto é, o cumprimento da pena como reparação do mal feito ao corpo social associado a um processo de correção e aperfeiçoamento da conduta pessoal dos condenados na perspectiva de uma reintegração no conjunto da sociedade uma vez cumprida a pena.

O escrutínio público sobre a forma como nas prisões se desenvolvem essas duas componentes é muitas vezes difícil e parcelar, numa correspondência direta à lógica de um mundo fechado sobre si próprio, marcado pelo apartamento e por regras de funcionamento e de relacionamento marcadas pela tensão, pela violência física e moral, pelo drama da privação da liberdade, pela conflitualidade latente num universo onde se misturam percursos e histórias de vida marcadas pela censura da lei e da sociedade.

Ao longo dos tempos, os meios de comunicação social têm dedicado a sua atenção e centrado os seus holofotes na realidade das prisões, nos seus claros e nos seus escuros, mas sempre com as limitações decorrentes do condicionamento no acesso a esse universo fechado e avesso à indiscrição do olhar do público e, muitas vezes, ao sabor das próprias estratégias de conduta dos reclusos perante esses representantes do «mundo lá de fora». Este livro surge, aliás, na senda desse interesse de uma jornalista no quadro do exercício da sua profissão.

Para quem assim teve contacto com essa realidade, não se torna difícil perceber o inesgotável manancial humano que representam os reclusos, os seus percursos de vida, as concretas condições que os levaram à criminalidade e à condenação, as diferentes formas como reagem à privação da liberdade, como encaram a punição e como antecipam a vida futura depois da libertação. Com efeito, eu próprio, no quadro da missão a que acima fiz referência, tendo partido então com a preocupação de avaliar as condições de

aplicação do então recém-aprovado regime prisional e das correspondentes regras atinentes à execução das penas, rapidamente me confrontei com reclusos que alardeavam profundos conhecimentos jurídicos, que narravam as suas histórias de vida e reconstruíam os seus casos criminais com uma imaginação romanesca, que descreviam as relações de força e de poder internas às prisões como se o mundo inteiro se resumisse àquele universo delimitado por muros altos, arame farpado, grades e portões de ferro.

Nessa população prisional tão heteróclita, encontramos um retrato em negativo da sociedade que somos, dos comportamentos individuais em situações de carência ou em casos limite, da desestruturação das relações familiares, dos preconceitos e das práticas de exclusão e de marginalidade, da imbricação do nosso país nas redes globais da criminalidade transnacional. Mas encontramos também o arrependimento, a autopunição, o sofrimento pelo afastamento da família e dos entes queridos, a solidão e os silêncios, o luto por uma vida que se transviou numa dinâmica que muitas vezes parecia escapar ao controlo e à vontade dos seus protagonistas.

Nesse feixe desencontrado de histórias de vidas e de sentimentos contraditórios, de excessos passados e presentes e de futuros incertos, é fácil perdermo-nos nos casos individuais, cada qual contendo um enredo, um drama e um desfecho singular.

A ótica adotada por Isabel Nery neste livro tem pois, desde logo, o mérito de reter toda a riqueza e diversidade humana dos casos concretos sobre que se debruça, mas de assentar numa visão estruturada desses mesmos casos, num fio condutor constituído pela singularidade da situação das «mães prisioneiras», isto é, das mulheres reclusas que estão grávidas ou têm os filhos consigo nas prisões, bem assim como das próprias crianças, quer as que partilham com as mães o espaço prisional quer as que delas se encontram afastados, permanecendo no mundo cá fora numa vida determinada pela condição de prisioneiras das respetivas progenitoras.

Assim, o livro impressiona o leitor num primeiro momento pela relação direta e em diversos momentos até íntima que a Autora

logrou estabelecer com as reclusas que aceitaram dar o seu testemunho. Impressiona pela intensidade dos sentimentos expressos, pelo revelar dessa zona íntima do relacionamento entre mães e filhos em ambiente prisional, pelo realismo com que relata e descreve as condições de maternidade num mundo marcado pela rigidez das regras e pela limitação da própria liberdade individual. Mas o livro assinala também em que medida a especificidade das mães prisioneiras pode gerar formas de relacionamento das reclusas entre si e destas com as guardas prisionais que se caracterizam por uma intensidade humana que muitas vezes leva mesmo à derrogação das regras, à transposição das barreiras do próprio sistema prisional, a uma solidariedade humana em tudo contrastante com a tensão inerente a uma situação de privação da liberdade (como no caso tão significativo da guarda parteira).

Isabel Nery consegue, neste plano, levar-nos com ela à atmosfera e ao ambiente dos próprios diálogos com as reclusas, que seguimos como se estivéssemos presentes na sala, na partilha das suas reações e dos seus sentimentos. Fá-lo não numa perspetiva benevolente ou condescendente, mas antes numa atitude de respeito e de procura de compreensão das motivações profundas das suas interlocutoras, num registo muito marcadamente jornalístico, especialmente atento ao pormenor, às contradições do discurso, às inflexões do que é dito tanto quanto ao significado do não dito. O que vale tanto para os casos em que os testemunhos evidenciam um empenhamento real e sincero na assunção plena da maternidade quanto naqueles em que há omissão e afastamento das protagonistas em relação aos seus próprios filhos.

Isabel Nery consegue entrosar-nos no ambiente concentracionário típico de um estabelecimento prisional quer pela descrição das suas próprias reações nas visitas às cadeias, ao contraste entre as alas das presas preventivas e das condenadas, quer pela descrição detalhada dos diferentes comportamentos das reclusas na sua reação com os filhos num quadro marcado por constrangimentos e limitações à liberdade individual. A omnipresença das grades, dos portões de ferro que se fecham, dos ferrolhos que se trancam,

do ruído das chaves que abrem e fecham os exíguos universos das celas, remetem-nos para um espaço confinado e vigiado, onde os gestos mais naturais são delimitados e condicionados pela situação da reclusão. E este ambiente tão intensamente descrito por Isabel Nery é o enquadramento onde se desenrolam os atos singelos de carinho, intimidade e afeto das mães prisioneiras e dos seus filhos.

Na realidade fria dos números que a Autora refere, a população prisional feminina em Portugal representa cerca de 6,8 por cento do total dos reclusos (a terceira maior percentagem de reclusão feminina na Europa), mas constitui um grupo em crescimento muito rápido e, numa percentagem muito significativa, representa a maioria das condenações relacionadas com o tráfico de droga. Os relatos recolhidos por Isabel Nery têm essa nota marcante: a presença quase permanente da droga no historial criminal das reclusas e os seus efeitos destruturantes das famílias e dos comportamentos. A que corresponde também um aumento crescente das estrangeiras detidas em Portugal por motivos relacionados com o narcotráfico.

Mas, para além da realidade destes números, a Autora chama a nossa atenção para o facto de mais de 80 por cento das reclusas serem mães e 67 por cento terem filhos menores. Este dado de partida é essencial para posicionar e melhor compreender a específica situação das mulheres reclusas. Neste plano, a mensagem central de Isabel Nery é muito clara e impressiva quando sublinha a importância, para o desenvolvimento das crianças, da sua presença, junto das mães reclusas, até aos 3 ou aos 5 anos, consoante as circunstâncias, e dos esforços, muito em particular na Casa da Criança, na prisão de Tires, para criar um ambiente de vida para essas crianças que minimize os impactos negativos da situação de reclusão em que se encontram as suas mães. No fundo, trata-se de criar uma esfera de normalidade numa relação afetiva entre mãe e filho num quadro que, por definição, é avesso ao desenvolvimento de relações afetivas saudáveis.

O livro fica assim valorizado pelos testemunhos das próprias crianças, das de tenra idade que se encontram nos estabelecimentos junto das suas mães, das que com elas privaram em ambiente

prisional durante o período de idade consentido e que nos fazem partilhar hoje das suas recordações desse tempo, das que nunca tiveram essa possibilidade e assim viveram a reclusão das suas mães afastadas delas no quotidiano, restringidas aos contactos possibilitados pelas visitas semanais. São testemunhos muito intensos no que exprimem de proximidade afetiva, mesmo naqueles casos onde o percurso de vida das mães constitui um mau exemplo como tal referenciado pelos próprios filhos. Com efeito, essa proximidade afetiva em muitos casos parece sair até reforçada pelos obstáculos que decorrem da própria reclusão das mães.

Neste particular são muito marcantes os relatos da forma como a detenção das mães se verificou, ou da forma como essa detenção foi comunicada às crianças. A perceção das crianças quanto à detenção da mãe (e nalguns casos até dos dois progenitores) constitui, assim, um elemento determinante na sua reconstrução pessoal numa situação de adversidade familiar tão relevante.

Permitam-me que neste ponto retome as minhas próprias recordações pessoais. Com efeito, no longínquo ano de 1981, recordo-me de ter visitado a cadeia de Custóias, inclusive o anexo reservado às mulheres, onde me impressionou muito especialmente a organização do quotidiano das mães que aí se encontravam com os seus filhos menores de 5 anos. Nesse grupo pontificava Isabel do Carmo, que tinha junto de si o seu filho Sérgio, cujo testemunho impressionante Isabel Nery recolhe também neste livro, em paralelo com o de uma sua irmã mais velha que viveu a reclusão da mãe afastada dela.

Estes testemunhos, redigidos na primeira pessoa, constituem, mais do que elementos de reflexão sobre dois casos em concreto, esteios de sustentação da mensagem essencial da Autora: a preservação das relações afetivas entre mães e filhos nas condições de adversidade que resultam da reclusão das progenitoras.

O livro de Isabel Nery lança luz sobre uma dimensão humana fundamental da nossa sociedade, confrontando-nos com a nossa própria consciência coletiva em relação a um mundo tantas vezes dramático e arredado da ribalta do debate público. Fá-lo de forma fácil e agradável de ler sem esconder a tensão, a angústia,

a frustração e até a raiva dos seus protagonistas. O material humano recolhido e aqui relatado só pode significar o começo de um percurso de análise e reflexão que, espero sinceramente, a Autora prossiga nos seus próximos escritos com a mesma sensibilidade e argúcia que pôs neste volume.

ANTÓNIO VITORINO